

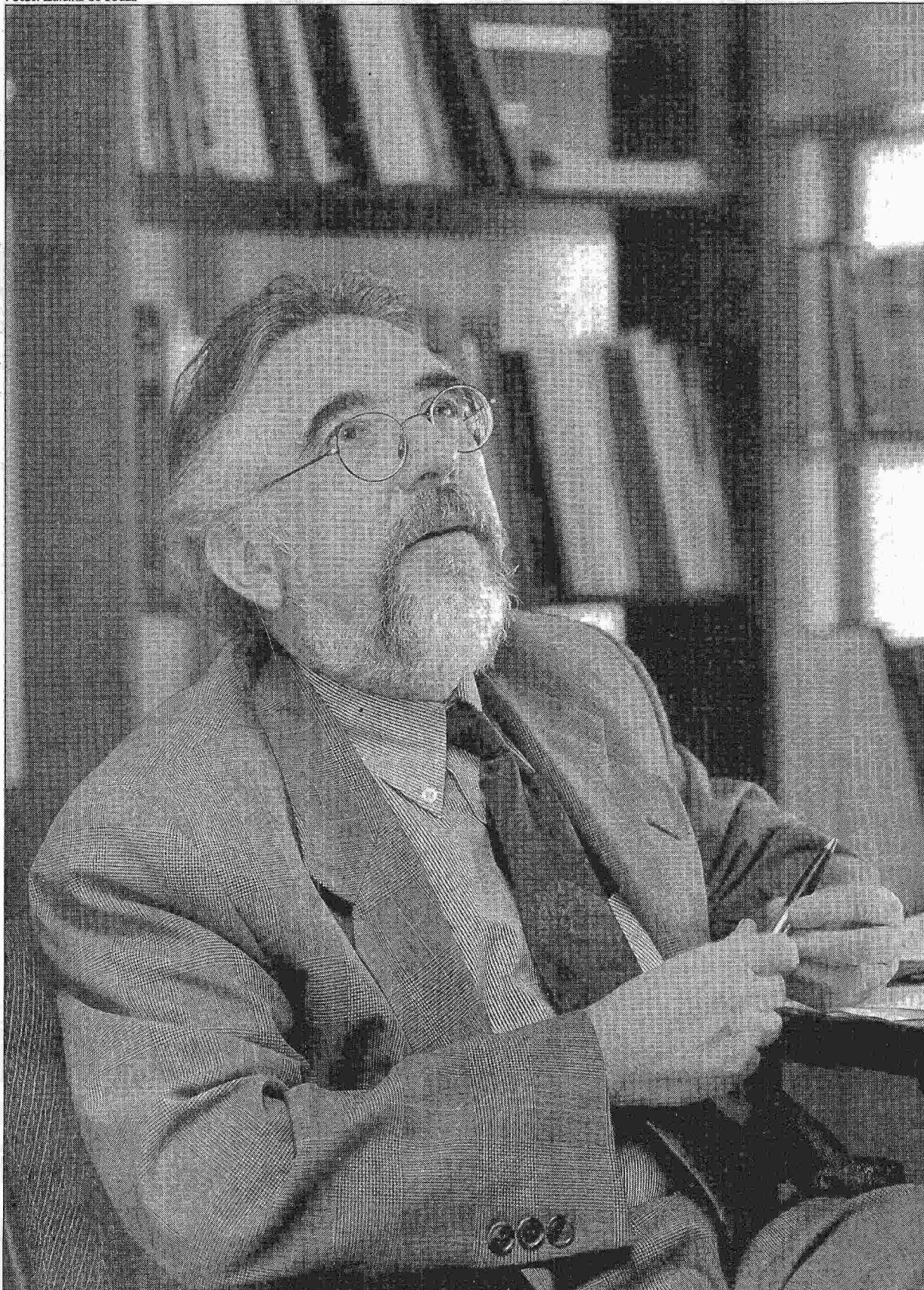
DISTRITO FEDERAL FAZ UMA REVOLUÇÃO NO ENSINO PÚBLICO

ENTREVISTA

a Paulo Pestana
Da equipe do Correio

Antonio Ibañez

Fotos: Zuleika de Souza



“O único culpado pela repetência é o professor, não o aluno. A obrigação do professor é ensinar, não reprovar. O professor tem que achar meios para que o aluno aprenda”

Ex-reitor da Universidade de Brasília, o secretário de Educação, Antonio Ibañez, é um dos dois últimos remanescentes do secretariado original do governo Cristovam Buarque. É um claro sinal que a maior prioridade do governo é a educação, área que recebeu os maiores investimentos e rendeu fama internacional para Cristovam Buarque com a implantação da bolsa-escola. Ibañez não tem a menor modéstia ao dizer que, no Distrito Federal, está sendo feita uma revolução na educação pública. Entre outras coisas critica os professores que reprovam alunos. Agora está dedicado em transformar as séries normais em fases e fazendo matrículas por disciplina nos cursos noturnos, ao mesmo tempo em que implanta o conceito de Escola Candanga em todos os 500 colégios da rede oficial de ensino. Semana passada ele confirmou o sucesso de mais um iniciativa: a telematrícula, que evita filas.

Correio — O senhor acredita que o Distrito Federal está iniciando uma revolução na educação pública?

Ibañez — Acredito. Nós temos uma política bem definida para a educação pública do Distrito Federal, que está se tornando referência. Acabamos com o turno da fome, estamos oferecendo 70 mil novas vagas só este ano, estamos transformando as séries em fases, aperfeiçoando as turmas de aceleração, acabando com a repetência...

Correio — O aluno que não sabe deve ser aprovado?

Ibañez — O único culpado pela repetência é o professor, não o aluno. A obrigação do professor é ensinar, não reprovar. O professor tem que achar meios para que o aluno aprenda.

Correio — Mas como recuperar os alunos atrasados?

Ibañez — Fizemos as turmas de integração. Alunos que estavam sendo reprovados há três, quatro anos, ainda na fase de alfabetização foram colocados em turmas especiais, com professores especialmente capacitados. A maioria volta ao curso normal, alguns nos surpreenderam hoje estão entre os melhores alunos da classe.

Correio — Como funcionam essas turmas?

Ibañez — São turmas menores e o aluno recebe um atendimento quase individualizado. Algumas pessoas têm um bloqueio qualquer que dificulta o aprendizado. É preciso encontrar uma outra maneira para ensinar a essas crianças.

Correio — Está funcionando?

Ibañez — A Unesco fez uma pesquisa sobre a eficiência de fluxo dos

alunos. De cada mil alunos que entram na primeira série 72% chegam até a oitava série no Distrito Federal. É o melhor índice do Brasil. Esta pesquisa foi feita em 1997. Hoje acredito que tenhamos números melhores ainda. Estamos começando um estudo agora para aferir isto. Um dos nossos objetivos é tornar a escola mais atraente para o aluno e com a repetência isto não vai acontecer.

Correio — E o que foi feito neste sentido?

Ibañez — A escola está ficando mais interessante. Nós mudamos o currículo, procuramos levar conhecimento, mas também queremos a contribuição do aluno, que a criança traga sua vivência para dentro da sala de aula. Debates temas como sexualidade infantil, combate às drogas, violência e meio-ambiente, ao mesmo tempo em que damos a educação formal. Temos também o projeto de leitura de jornais em sala de aula, o que desenvolve um currículo mais próximo do dia-a-dia, a partir do noticiário.

Correio — Essas novidades são apenas para o ensino fundamental?

Ibañez — No ensino regular noturno estamos inovando com a criação da matrícula por disciplina. É como numa faculdade, em que o aluno seleciona as matérias que precisa e que pode cursar. A maior vantagem do sistema que já está funcionando em várias escolas é que o aluno pode estudar de acordo com o tempo que tem. A receptividade é fantástica. Há poucos dias um grupo de consultores da PUC de São Paulo, contratados pelo Ministério da Educação para fazer um estudo sobre as inovações que podem ser

implementadas em todo o país, esteve aqui fazendo entrevistas com alunos e verificando o sistema.

Correio — Isto não aumentaria o tempo do curso?

Ibañez — Isto pode aumentar o tempo do curso, sem dúvida, mas acaba com um dos principais fatores de desânimo do aluno, a reprovação, por causa da flexibilidade que ele introduziu em seu currículo. Pode levar um pouco mais de tempo mas ele sabe que vai conseguir passar.

Correio — Esta é mais uma inovação brasileira?

Ibañez — A transformação de séries em fases não é totalmente inovadora. Algumas cidades têm experiências semelhantes, mas são estruturas bem menores. A rede de ensino de Belo Horizonte, por exemplo, tem no máximo 100 escolas, em Porto Alegre 20 escolas estão iniciando o método, em Brasília todas as 500 escolas da rede oficial de ensino estarão aplicando o sistema a partir do próximo ano.

Correio — Esta é a Escola Candanga?

Ibañez — Queremos que o aluno aproveite e repasse a experiência de vida que ele já tem. Uma criança que trabalha na rua sabe fazer conta, pode ser totalmente analfabeta na escola, mas tem um conhecimento do mundo que não pode ser desprezado. Este é um dos pontos principais da escola candanga. É mais ou menos como no caratê, quando se aproveita a energia do adversário para ganhar força. Queremos aproveitar o conhecimento diferente que o aluno tem.

Correio — Como ela funciona?

Ibañez — É uma escola que trabalha principalmente com princípios

éticos e ecologia. O aluno aprende sobre igualdade, justiça, solidariedade. Queremos formar um cidadão melhor na escola. Todo o conteúdo formal da escola é perpassado por esses princípios.

Correio — O sucesso da bolsa-escola incomoda?

Ibañez — Ela ofusca os outros projetos. É um sistema muito inovador e que foi implantado sem muitos problemas e a um custo baixo, além de ter atraído a atenção de outras cidades. A bolsa escola teve um resultado imediato, apareceu mais e o resto das mudanças que estão sendo implantadas na educação demora mais.

Correio — Projetos como a bolsa-escola não promovem uma certa mercantilização do ensino público?

Ibañez — Num país como o Brasil é necessário. Em outros países poderia parecer um projeto mercantilista, mas é preciso completar a renda da família aqui, mas exigindo frequência na escola. E acho que é um preconceito: se alunos em fase de graduação superior recebem bolsa porque uma criança no ensino fundamental não pode receber?

Correio — O ideal é que a bolsa-escola beneficiasse quantas famílias?

Ibañez — Hoje 35 mil famílias vivem abaixo da linha de pobreza no Distrito Federal. É um conceito difícil de ser medido. O que fizemos foi criar uma série de itens que determinam se a família está ou não abaixo da linha de pobreza, conversamos com vizinhos, observamos os utensílios que eles têm em casa.

Correio — Há algum projeto que dê sequência à bolsa-escola?

Ibañez — Já temos o poupança-

escola. Toda criança da bolsa escola que passa de ano ganha um salário mínimo depositado numa conta de poupança. Na quarta série pode retirar metade do dinheiro e dos rendimentos. Se continuar, na oitava série pode retirar mais metade. E no final do segundo grau pode retirar tudo. Houve muita dificuldade na operacionalização do projeto, pois o custo da administração para o BrB era maior que o rendimento. Então a administração ficou com o Fundo de Solidariedade da Secretaria do Trabalho.

Correio — A maior crítica que se faz à bolsa-escola é a publicidade. O senhor acha que ela deve ser divulgada?

Ibañez — É preciso divulgar. Muitas vezes a correspondência enviada aos pais é devolvida, outras não sabem nem ler. As próprias crianças têm que ler para os pais irem a uma reunião na escola. Foi importante mostrar a bolsa-escola para o país, outras cidades se interessaram, outros países já estão implantando o projeto. Não acredito que traga migração. A família tem que estar morando há cinco anos em Brasília para ter direito.

Correio — Depois de quase quatro anos afastado do campus o senhor sente falta da universidade?

Ibañez — A experiência de estar no governo é muito boa. As vezes tenho saudade da universidade, do ambiente acadêmico, porque o acadêmico se posiciona muito de acordo com o próprio histórico, uma espécie de DNA dele. Aqui o currículo não influencia, você tem que aplicar um projeto e você tem a resposta imediata da população, se houve ou não melhoria.

Correio — O senhor não acha que a Universidade de Brasília participa pouco da sociedade?

Ibañez — A UnB tem um potencial muito maior para participar da sociedade. Ela está pequena em relação ao Distrito Federal. A secretaria tem procurado estabelecer contato mais próximo, há projetos comuns, como os cursos de capacitação que a universidade dá aos professores. A carreira acadêmica só reconhece os títulos outorgados pela academia, o que as vezes não se encaixam com a necessidade imediata. É preciso ter alternativas para se reconhecer o trabalho dos professores.

Correio — O que falta pra terminar o projeto de educação que o senhor traçou para o Distrito Federal?

Ibañez — Projeto vai continuar, como a escola candanga. Ainda tem muita coisa por fazer como a terceira fase, ainda não atingimos os alunos de 12 a 14 anos, que é um desafio, quando eles começam a entrar nas disciplinas, prescindem de treinamento dos professores, que precisam deixar de trabalhar com disciplinas e começar a ensinar a partir de áreas do conhecimento. Os professores terão que trabalhar de forma muito mais abrangente, fazer palestras com filósofos e cientistas que abram os horizontes dos professores. São trabalhos de motivação.

Correio — A eleição direta para diretor das escolas públicas é uma solução ou um problema?

Ibañez — A eleição direta dos diretores de escolas deu mais autonomia para a escola, mas diante do reconhecimento que existe um sistema único. É uma postura inovadora, que dá muito mais trabalho, mas que facilita mudanças desde os diretores sejam convencidos que elas valem a pena.

Correio — Se houver mudanças no governo o senhor acha que o novo projeto de educação acaba?

Ibañez — Acho que as mudanças vieram para ficar, não foram feitas por decreto. Antes mesmo deste governo já havia discussões, todas as medidas foram muito discutidas. A implantação foi difícil, mas os próprios professores não querem perder isto tudo, que foi um ganho. Pode-se tentar mudar, mas haverá muita dificuldade e resistência. mas não há com o que se preocupar: nós vamos ganhar a eleição.